



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 6, v. 1 nov 2016.-abr. 2017

p. 154-165.

Narrando a mim mesmo: “Hoje sou peixe/E sou meu próprio pescador” – percursos de resistências marcados de Trans-Solidão na tecelagem de uma vida^{1!}

Rubenilson Pereira de Araújo²

RESUMO: O presente texto possui formato de memorial, escrito para primordialmente para ser inserido e adaptado à tese denominada “Estranhando o Currículo: a temática homoafetiva no ensino de Literatura Infantil” junto ao Programa de pós-graduação em Letras/PPGL da Universidade Federal do Tocantins/UFT. O texto autobiográfico busca dar voz à minha trajetória pessoal e acadêmica a respeito de minha identidade transgênera, a qual sofre vigias, controles e punição a fim de disciplinar meu corpo e desejos à cisgeneridade, fazendo valer a simetria corpo-gênero-desejo-práticas. O percurso solitário, entretanto, resiste e foge ao padrão preestabelecido, vivenciando performances dissidentes da heterossexualidade compulsória e adquirindo visibilidade e militância, defendendo o pressuposto de que o ativismo também produz ciência.

PALAVRAS-CHAVE: autobiografia; transgeneridade; resistência; visibilidade.

Abstract: This text has memorial format, written to primarily to be inserted and adapted in the thesis called "wondering Curriculum: the homosexual theme in children's literature teaching" with the graduate program in Letters Course / PPGL University Federal of Tocantins / UFT. The memoir seeks to give voice to my personal and academic life about my transgender identity, which suffers watchmen, control and punishment to discipline my body and desires to cisgendering, enforcing symmetry body-gender-desire-practices. The lonely path, however, resists and goes beyond the established pattern, experiencing dissidents performances of compulsory heterosexuality and gaining visibility and activism, defending the assumption that activism also produces science.

Keywords: autobiography; transgender; resistance; visibility.

Resumén: Este texto ha formato memorial, escrito principalmente para ser insertado y adaptado el llamado en la teoría "Curriculum preguntándose: el tema homosexual en la enseñanza de la literatura infantil" con el programa de postgrado en / Universidad de Artes PPGL Federal do Tocantins / UFT. La memoria pretende dar voz a mi vida personal y académica sobre mi identidad transgénero, que sufre vigilantes, control y castigo para disciplinar a mi cuerpo y desea cisgeneridade, la aplicación de la simetría del cuerpo de género-deseo-práticas. El camino solitario, sin embargo, se resiste y va más allá del patrón establecido, experimentando actuaciones disidentes de la heterossexualidad obligatoria y ganar visibilidad y el activismo, la defensa de la suposición de que el activismo también produce la ciencia.

Palabras clave: autobiografía; transgeneridade; resistencia; la visibilidad.

¹ Título e escrita textual memorialista, intencionalmente carregado de adjetivações, semelhante ao estilo da estética barroca ou mesmo rococó com fins de metaforizar um pouco com minha trajetória biográfica. O primeiro verso é extraído da letra da música: “Coração do Agreste” (1989, gravadora RCA), melodia de Moacyr Luz e letra de Aldir Blanc, interpretada na voz da cantora de Fáfá de Belém. A canção foi trilha sonora da telenovela “Tieta”, produzida e exibida pela Rede Globo no tradicional horário das 20h, de 14/08/1989 a 31/03/1990, escrita por Aguinaldo Silva, Ana Maria Moretzsohn e Ricardo Linhares e dirigida por Reynaldo Boury, Ricardo Waddington e Luiz Fernando Carvalho, com direção geral de Paulo Ubiratan. O enredo é baseado no romance do escritor brasileiro Jorge Amado, publicado em 17/08/1977.

² Doutorando em Letras: Ensino de Língua e Literatura pelo Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins/UFT, onde atua como Professor Assistente de Investigação da Prática Pedagógica e Estágio Supervisionado em Língua e Literatura no Curso de Graduação (licenciatura) em Letras/Língua Portuguesa e respectivas literaturas, além de desenvolver pesquisas sobre Formação Inicial e Continuada de Professores da Educação Básica. E-mail: rubenilsonaraujo@uft.edu.br

Recebido em 11/02/16
Aceito em 28/11/16

Nos ensinaram a carregar hasteada à frente a bandeira do pênis
 Nos ensinaram a carregar atrás um ânus com armadura.
 Nos ensinaram assim a carregar meia vida à frente e meia morte atrás.
 Nos ensinaram tudo errado.
 (Glauco Mattoso)

Confesso que relutei para não emergir essa narração de mim mesmo. Foram necessárias insistências de pessoas que conhecem parte de minha trajetória biográfica, profissional/acadêmica e que dialogam intrinsecamente com meu objeto de pesquisa. Tal fato me fez experienciar a ratificação da noção de identidade de um sujeito movido por interpelações, conforme postulação de Stuart Hall, e que tento discorrer nesta tese.

Partindo do pressuposto de que toda narrativa é ficção ou representação com maquilagem da linguagem, não me comprometo com a fidedignidade dos fatos e muito menos com o jugo de normas de escrita acadêmica higienizada. Tentarei, na medida do possível, neste pequeno recorte do relato de mim mesmo, demonstrar como eu, enquanto sujeito não binário, me entremeio com personagens de narrativas *queers* que passam a habitar o *corpus* literário de uma perspectiva pós-estruturalista.

De antemão, afirmo que a relutância para não falar da opressão histórica que se perpetua contra o cotidiano de uma pessoa transgênera é justamente devido à determinação interdita de não ter garantido o direito ao lugar de fala e protagonismo no decorrer da história legitimamente contada.

O silenciamento imposto ao longo da vida e toda uma vivência na sombra soaram-me estranhos a ponto de eu relutar para não assumir essa posição, até então negada. Ciente de que o lugar de fala é tornar explícito o posicionamento do sujeito na temática em debate, assumo aqui o direito de falar sobre quem sofre o menosprezo implícito no olhar, na verbalização e nas atitudes daqueles que assumem a posição hierárquica da cis-heterossexualidade compulsória com normas que não estão escritas, mas que são fortemente determinantes no exercício social cotidiano. Contar a história pelo prisma e pela voz de quem vivencia o peso do estigma é diferente daquela situação de ouvir a representação de uma pessoa cisgênera como aliada ou simpatizante à causa.

Adiciono a este empoderamento concedido o fato de encontrar-me atualmente em um lugar legitimado socialmente que erroneamente atribuem como único detentor na produção do conhecimento. Mediante minha procedência de aproximadamente duas décadas na Educação Básica, defendo que a universidade precisa descer de sua “torre de marfim” e reconhecer a escola e outros espaços como produtores de conhecimento, sensibilizando-se ainda de que o ativismo produz ciência.



Neste sentido, o enunciador aqui é este misto do pessoal, de dissidências do ativismo que se cansa de ser mudo e do acadêmico que ainda timidamente procura beber nas fontes da teoria *queer*, reconhecendo a premissa fundamental de que a identidade do sujeito se esvazia plenamente quando não se reconhece sua identidade de gênero (BENTO, 2008) e ainda concordando com Michel Foucault de que devermos usar uma teoria até quando esta seja útil para nós, enquanto sujeitos. Vislumbro neste arcabouço teórico e na academia, portanto, ferramentas para materializar o discurso sobre a “identidade transviada”, construindo saberes sobre o grupo de corpos subalternos, ao qual pertenço.

Eu nasci sob o signo intenso de Escorpião com ascendência em Libras (inferno astral de meu signo solar), numa madrugada fria do dia de finados, após uma tempestade torrencial no município de Porto Nacional, no então estado de Goiás³, no ano de 1975.

Sou fruto de um deslize do pecado determinado pela Igreja Católica, nominado de “adultério”. Sou filho de peregrinos retirantes da seca nordestina que vivenciaram a diáspora com um percurso interestadual, a pé, rumo a um norte de terras dissolutas para explorar, onde, pelo menos, contava com mananciais de água para hidratar os corpos e a plantação.

A nomeação deste corpo que emergiu do terceiro parto cesariano já provocou dúvidas em minha genitora em relação ao ser que ela paria. O dito linguístico do médico que realizou o ato cirúrgico, logo após a realização do parto, afirmando que se tratava de “um menino” provocou um verdadeiro espanto em minha mãe, a qual passou todo o período da gestação aguardando uma menina e havia preparado todo um enxoval cor de rosa⁴ para seu último rebento da prole que veio após um aborto espontâneo⁵.

Em minhas procedências étnicas, carrego a miscigenação das raças negra, branca e índia como fator preponderante em minha identidade de gênero e raça híbridos. A biologia, desde meu nascimento, tenta impor o dito atribuído a Napoleão Bonaparte e recuperado por Freud de que "a

³ No momento oportuno da promulgação da Constituição Federal Brasileira em 1988, movimentos populares, parlamentares e organizações não governamentais reivindicaram uma emenda constitucional e com o artigo 13 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição, em 05 de outubro de 1988, criou-se o Estado do Tocantins, antiga região do extremo norte do estado de Goiás (c.f CFB, art.13).

⁴ Vale ressaltar que na época de meu nascimento não havia técnicas de ultrassonografia para prever o sexo biológico do bebê, as previsões eram feitas aleatoriamente, mediante simpatias cultivadas de geração em geração e baseadas em sintomas ou em saberes empíricos, adquiridos por meio supersticioso.

⁵ A prática da medicina no tocante ao planejamento familiar da época permitia apenas 3 nascimentos para os partos cesarianos. Nessa lógica, caso não houvesse o aborto espontâneo, a possibilidade de minha gestação era descartada.



anatomia é o destino" (Freud, 1924/1976), cogito o qual minhas *performances*⁶ de identidade de gênero vêm veementemente contestando ao longo da vida contra a norma cis-heterossexual.

Nesse sentido, na geografia de um município que carrega a sina de ser originário de um período histórico da escravidão do século XIX, agregam-se fatores preponderantes em uma relação assimétrica: de um lado, um empregador, proprietário de terras e, por outro, o meu pai, camponês subempregado. Sendo assim, a minha origem étnica é vassala e ainda hoje pertença a um grupo escravizado, devido questões de identidade de gênero, orientação sexual, racialidade e classe socioeconômica. Na verdade, trago na geografia de meu corpo os espinhos de uma carne barata exposta no mercado hipócrita desta sociedade que classifica, divide, encaixota, hierarquiza e abjeta o ser humano.

O ano de 1975 é o auge da ditadura militar no Brasil, que predominou no país de 1964 até 1985. A gestão de crise econômica, principalmente na questão do combustível, representa o governo difícil do político e militar brasileiro Ernesto Beckmann Geisel, que geriu o país de 1974 a 1979, como 29º presidente a ocupar esta importante cadeira na república federativa.

A notícia de que se tratava de um menino saudável do sexo masculino foi recebida com bastante júbilo por meu pai, o qual passou a projetar em mim a sequência de realização de seus sonhos de macho, forte e viril, principalmente devido a nossas características físicas semelhantes. De modo geral, os primeiros anos de vida vivenciados no ambiente marcadamente bucólico foram de pura harmonia de uma família camponesa humilde e feliz.

A religião cristã hegemônica foi imposta ainda em minha inocência de bebê. Batizaram-me ao catolicismo, com padrinhos fazendeiros, que mantinham a relação de patrão-empregado com meus pais.

Um fato interessante é que os corpos infantis não são reconhecidos como sujeitos de direitos, pelo contrário, são meros objetos, reféns da biologia que os formatam antes de nascerem e tornam-se dispositivos de projeção dos sonhos e aspirações dos pais, além de se tornarem alvos no consumismo exacerbado. O nome recebido, o gênero, a religião e a cultura atribuídas são “cargas” impostas a nós como meros seres passivos. As idiosincrasias e a capacidade de traçar destinos em nossas próprias subjetividades são totalmente solapadas.

⁶ O termo “performance” aparece destacado aqui em itálico com o objetivo de referir-se à teoria da performatividade desenvolvida por Judith Butler (2008). Há diferença teórica entre a performatividade dos gêneros e a ideia de performance de artes cênicas. Em outras palavras, a autora afirma que não há identidades de gênero, o que prevalece ao longo da vida dos sujeitos são atos performativos.



Os meus conflitos existenciais iniciam-se com o êxodo de minha família da zona rural para o ambiente urbano. Meu pai passa de trabalhador do campo para microempresário urbano, ao abrir um mini estabelecimento comercial na periferia da cidade onde vendia gêneros alimentícios e bebidas alcoólicas. Os conflitos se desencadeiam no mesmo ano em que ingressei na escola, aos 7 anos de idade. Neste ano, o álcool passou a ser a droga lícita em nosso lar, culminando no abandono por nosso pai, que resolveu partir e assumir outra família. Eu, juntamente com meu irmão mais velho, tornamo-nos órfãos com progenitor vivo.

A experiência na escola, desde os primeiros momentos, foi castradora. Sentia-me uma criança diferente, apresentava uma performance de gênero bastante criticada pelos coleguinhas que passavam a me nominar pejorativamente de “macho e fêmea” ou “mulherzinha”! Foi com a força linguística da injúria sobre meu processo de subjetivação que tristemente descobri que a gente se enxerga mais pelo olhar do outro do que por nós mesmos.

Estes conflitos narrativos assemelham-se ao que ocorre em algumas das narrativas de literatura infantil: o fato de a maioria dos personagens infantis saírem do ambiente privado para o público denota o contato inicial com a injúria, difamação ou incidência do *bullying*, em “É proibido miar”, de Pedro Bandeira (2009), O cãozinho Bingo, o gatinho Gulliver em “O gato que gostava de cenoura”, de Rubem Alves (1999), os meninos Dudu, em “O menino que brincava de ser”, de Georgina Martins (2000) e Naldo em “Meus dois pais” – Walcyrr Carrasco, (2010), juntamente com a menina Olívia, em “Olívia tem dois papais”, de Márcia Leite (2010). Eles enfrentam na escola um ambiente hostil, que os coloca no patamar da desigualdade em virtude de suas diferenças peculiares, seja na família ou mesmo em seus modos de ser.

A hostilidade vivenciada na escola torna-se intensa à medida que os anos avançam. Torno-me o alvo fácil das chacotas, das piadas e das disciplinas impostas pelos agentes educacionais, principalmente por um silêncio geral e omissos que parecia gritar! Os professores pareciam não ver ou mesmo fingiam-se neutros diante das exposições ao ridículo a que eu era constantemente imposto durante os tempos e espaços escolares. A via sacra que era o trajeto do lar para a escola culminava no calvário também em casa porque meu irmãozinho era ‘normal’, minha mãe sozinha não compreendia a dissonância de uma performance não condizente com minha genitália. A angústia íntima intensificava quando imaginava um casamento na vida adulta, mas as indumentárias desejadas em meus devaneios eram sempre as da noiva que se direcionava para o altar.



Metaforizo nesse contexto o desejo fantasioso que o personagem Dudu nutria de encontrar o arco-íris para transmutar o seu corpo biológico, uma busca incessante ao longo do enredo, devido à violência física e simbólica à qual ele era submetido. Eu também sonhava em encontrar este arco-íris a fim de mudar a forma anatômica que não correspondia com o meu jeito de ser. A fuga para a suposta *Parsárgada*⁷ que o enredo da ficção destinou também ao cãozinho Bingo, para um entrelugar em que impera a infelicidade também do gatinho Gulliver. Esses lugares indicam essa assimetria constante, marcada por conflitos de ordem íntima e social entre corpo-desejo-práticas.

Além disso, são inúmeras as técnicas de disciplinarização de vigia, controle e punição dos corpos e dos desejos que marcam a trajetória do gato Gulliver e do garotinho Dudu, os quais sofreram sanções disciplinares de diversas instituições sociais, iniciando-se pela família que tentava convertê-los, mediante uma busca incessante de uma suposta cura ou condenação legitimada passando pela medicina, igreja e opinião pública.

Assim como os personagens Dudu e Gulliver, eu também fui levado aos templos das igrejas evangélicas, púlpitos das confissões na igreja católica e terreiros das religiões de matriz africana: as três instituições sacras diagnosticaram que eu não podia ser como era, e a penitência foi sentenciada pela leitura de um livro que me apresentava um deus sádico, a carregar a cruz negando a mim mesmo, e submeter-me aos inúmeros trabalhos nas encruzilhadas para extirpar a pomba-gira que hospedava em mim.

Diante dessa sentença promulgada para meus planos metafísicos, sentia-me uma criatura sem criador, “um erro de pessoa” e na solidão das noites vazias, eu ecoava o meu grito de questionamento a um ser supremo, superior:

*Deus dos sem deuses
deus do céu sem Deus
Deus dos ateus
Rogo a ti cem vezes
Responde quem és?

Serás Deus ou Deusa?
Que sexo terás?
Mostra teu dedo, tua língua, tua face
Deus dos sem deuses⁸*

⁷ Alusão ao famoso poema de Manuel Bandeira “Vou-me Embora pra Pasárgada”, no qual destaco: “Vou-me embora pra Pasárgada/Aqui eu não sou feliz/Lá a existência é uma aventura (...)”. Versos extraídos do livro “Bandeira a Vida Inteira”, Editora Alimbramento – Rio de Janeiro, 1986, p. 90.

⁸ Letra da música: Invocação, composição: Chico César, gravada por Maria Bethânia com Virgínia Rodrigues, no disco Âmbar (EMI Music), faixa 7, em 1996.



Semelhantemente ao que ocorreu com esses dois personagens das ficções em análise, fui levado ao consultório médico que me encaminhou para um psicólogo que não teve a postura *queer*, como foi no caso com Dudu, mas interpelou-me à masturbação para reconhecer o meu pênis como objeto que nortearia minha orientação sexual e culpabilizou minha mãe pelo carinho e atribuição de atividades domésticas no lar. A solidão e o abandono que o gatinho Gulliver e o cãozinho Bingo vivenciam no lar e no meio de seus próprios pares foram comungadas também em minha trajetória pessoal.

Nesse sentido, remontando ao verso do título deste memorial, metáforizo-o com os versos da canção “Caçador de mim”⁹, de que a vida era uma ordem e eu não teria “nada a temer senão o correr da luta/nada a fazer senão esquecer o medo”.

Então, decidi reinventar a mim mesmo, criando meu mundo imaginário onde as fantasias que eu geria tornava o mundo um lugar onde conviver pacificamente é possível. Fiz da arte um refúgio profícuo, não uma arte legitimada, cultivada na escola, mas uma espécie de escapismo de meu entorno e autocriação de reino de fantasias imaginário, onde eu geria a minha própria narrativa, com o seu enredo belo, cenário do fundo de meu quintal e personagens materializadas com flores e folhas cultivadas por minha mãe. Fiz da busca pelo conhecimento sistemático na escola uma arma para viver, obtinha notas boas e fui assumindo a minha performance de gênero com expressão feminina, embora isso contrariasse as regras e normas não escritas, mas duramente impostas socialmente.

Decidi que iria viver além de minha genitália e que a mesma não reduziria a amplitude e complexidade que sou, enquanto indivíduo singular.

Vivi muito tempo no ostracismo individual, remoendo minhas dores, egoisticamente, no monólogo de um ativismo mudo, sentindo-me sempre uma vítima em potencial. Por mais que eu tentasse, a realidade me impunha, insistindo que o indivíduo não está fora de uma realidade social. Por isso fiz do estigma social que me impuseram, marcando-me com ferro e fogo¹⁰, e também de minha trajetória enquanto pessoa, no nível acadêmico e profissional, uma força motriz para lutar, uma bandeira para empunhar contra a desumanização ou precarização imposta aos corpos

⁹ Música interpretada pelo poeta/cantor/compositor Brasileiro Milton Nascimento. (composição de Luiz Carlos Sá e Sergio Magrão, 1981).

¹⁰ Durante a Antiguidade, os estigmas eram as marcas realizadas com ferro e fogo em escravos, ladrões ou traidores, os referidos sinais serviam de advertência para que não se mantivesse contatos sociais com aquelas pessoas marcadas. Atualmente, segundo Goffman, “há mais de uma década vem sendo apresentada uma quantidade razoável de trabalhos sobre estigma — a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena” (1988, p.7).



considerados abjetos e objetos de uma sociedade que insiste em invisibilizá-los, não lhes permitindo narrarem-se a si mesmos¹¹.

Descobri que a precariedade imposta está justamente na aparência do gênero! Nestas assimetrias há sempre uma negociação com o poder, e aqueles que não vivem conforme as regras de gênero estão mais suscetíveis de violências e precariedade de assistência social e asseguaração de direitos cidadãos por parte do Estado. A duras penas aprendi a desfazer a utopia de que se pode dar voz a alguém. Afinal de contas, o lugar de fala e de protagonismo são conquistas do próprio sujeito na história, além de fazer valer o cogito de que "Cada indivíduo deve ser sujeito de sua própria linguagem"¹².

Neste sentido, descobri que temos o direito de viver uma vida "vivível". Para tanto, tentei organizar-me, filiando-me a grupos ou coletivos não governamentais em que há pessoas marginalizadas como eu. Passei a conceber os corpos subalternos em suas interdependências. Em minhas leituras, descobri que, como produto de uma sociedade que me molda em meu processo de subjetivação, reconheço que cada "eu" traz o "nós". Em outras palavras, eu sou uma pessoa singular, mas trago em minha performance as reivindicações políticas de um grupo.

Nesse aspecto, "o pessoal é político" (fruto da luta do movimento feminista), esse "eu" não se perde, mas se transforma ao caminhar com o outro e o trânsito se torna mais importante. Reenfatizo que na transgeneridade (onde me situo, enquanto sujeito), o que mais importa é o trânsito, pois "o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia"¹³.

Nesta travessia, que é a existência, é importante observar que "o mundo não é, o mundo está sendo" (FREIRE, 1980, p. 7). Daí a necessidade de conceber a vida como este eterno gerúndio em que receitas culturais prontas, acabadas e impostas precisam ser contestadas, desfeitas e reconstruídas pelo prisma de sujeitos que emergem das zonas sombrias que nos lançaram ao longo do caminho da

¹¹ As reflexões tecidas a partir deste parágrafo dialogam com as inquietações provocadas por minha participação, como ouvinte, na palestra magna proferida pela filósofa Judith Butler, na abertura do evento: II Seminário Internacional Desfazendo Gênero, com o tema: *Ativismos das dissidências sexuais e de gênero*, ocorrido no período de 04 a 07 de setembro de 2015, no câmpus de Ondina, da Universidade Federal da Bahia, em Salvador/BA.

¹² Nos enredos das narrativas mencionadas, esta prerrogativa metaforiza-se com a capacidade linguística que a personagem Olívia apresenta em seu processo de formação identitária e também com o processo de libertação que o cãozinho Bingo conquistou no desfecho da narrativa, onde ele deslocou-se para um *entrelugar* em que podia ser poliglota em seu próprio idioma, garantindo o seu direito de liberdade de expressão, emitindo os sons que lhe apraziam.

¹³ Assertiva proferida pelo narrador Riobaldo, filósofo sertanejo, no enredo da obra "Grande Sertão: Veredas" (ROSA, 2005) em diálogo com o seu compadre Quelemém, um ouvinte mudo durante toda a trama, o qual ouve atentamente todos os "causos" do amigo jagunço. A propósito, a palavra "travessia" é bastante enfatizada no desenlace narrativo, o romance inicia com o sinal de travessão e termina com o vocábulo "travessia", seguida pelo signo do infinito.



História, tornando-nos incapazes de visualizar nossas próprias sombras. À medida que coexistimos como sujeitos cognoscentes, participando de um mundo comum, tornamo-nos seres mais iluminados.

Neste sentido, o próprio ato de existir, reunir para protestar, ficar juntos em público, já areja e ilumina com frestas de luz, dissipando a terrível escuridão que o sistema social nos impõe ao longo de nossas vidas.

Segundo Michel Foucault (1993), vive-se numa sociedade movida por discursos na marcha da produção de verdades plenas e absolutas. Entretanto, a verdade de cada sujeito diz respeito a si mesmo, a sua história peculiar e isso é eminentemente político, ressaltando ainda que esta verdade, além de ser pessoal e política, é efêmera, volátil, geograficamente e historicamente datada e situada.

Sempre que ouço ou leio sobre a famosa ideologia de gênero, fico a refletir na suposta neutralidade que dizem que a Escola deve ter, dizem que esta, atrelada a um currículo de perspectiva tradicional e cartesiano, não pode tocar na questão de gênero ou sexualidades porque pode influenciar determinados indivíduos a assumirem a homossexualidade (que medo!) e isso não é papel da escola (embora saiba que a escola jamais definirá ou determinará nenhuma identidade de gênero).

De repente, passo a rever um filme de minha vida escolar: relembro-me de inúmeras vezes em que os meninos colocavam-me no meio da roda e me batizavam de “mulherzinha”, de “viado”, de “macho e fêmea”. Lembro-me de um exame médico em público para aptidão das aulas de Educação Física (o meu verdadeiro terror!), o meu sonho era receber o atestado escrito de inapto pelo discurso “endeusado” da saúde para não conviver com tantos que me hostilizavam.

No dia do exame médico, fui obrigado a despir-me e andar em frente de uma quantidade de meninos que me ridicularizavam e procuravam pela "anomalia" em meu corpo! Depois, entreolhavam-se entre si e diziam: "tá vendo, é só frescura dele! Só tem o corpinho parecido com o de mulher, mas tem um *piupiu* entre as pernas!" (eles me definiam pela genitália!).

A cena de minha primeira vez de uma aula prática de Educação Física forçada numa quadra poliesportiva (senão seria reprovado) foi às 6 horas da manhã. A chacota e a zombaria foram tantas que o treinador desistiu de me ensinar a fazer alongamentos e me mandou embora! Lembro-me de cena vivenciada ainda na 1ª série quando me vi obrigado a fazer xixi na sala de aula, devido o medo de levar surra no pátio da escola pelos meninos que insistiam em me ridicularizar.



Outra memória triste de todo esse suplício foi um episódio vivenciado ainda no Ensino Fundamental I quando resolvi estudar no noturno a fim de trabalhar durante o dia. Certa noite, dois colegas me seguiram, levaram-me à força para um lote baldio, espancaram-me e ainda abusaram de mim sexualmente. Eu tive que me calar porque ninguém acreditaria que "o viadinho" havia saciado os desejos libidinosos de dois meninos "normais", ditos heterossexuais!

A escola para mim era um verdadeiro martírio, desde o caminho até cada segundo que ali ficava, forçando-me o máximo a apresentar uma performance masculina. O percurso percorrido de ida e volta à escola todos os dias era uma verdadeira via sacra, eu contornava por becos e outros caminhos sinuosos buscando fugir das chacotas, gozações e até espancamentos de cada estação a fim de fugir dos meninos que me viam como uma anomalia ou aberração, alvo do olhar que me examinava e me lançava ao lamaçal da inferioridade, com a zombaria, chacota e muitas vezes pedras ou frutos podres. Tudo podia ser fatal: o modo de sentar, a maneira de falar, o jeito de caminhar, a forma como segurava os cadernos, em tudo eu tinha que me esforçar para demonstrar ser macho heterossexual para não ser exposto ao ridículo pelos colegas e pelo silêncio ou aquiescimento dos professores, os quais mantinham a neutralidade científica como a norma da profissão docente.

Isso para mim foi a verdadeira ideologia de gênero heteroterrorista¹⁴ que insistiu em disciplinar meu corpo, fazendo-me sofrer na pele o estupro de meus desejos e minhas práticas sexuais com conteúdos e atitudes sexistas em um currículo que em muitos casos ainda é grade ou gaiola engessada na escola da vida!

Hoje, eu aprendi narrar a mim mesmo¹⁵ como um sujeito não binário e que carrega o hibridismo em minha própria genética. Recuso a possibilidade da mutilação de meu corpo para adequar e atender ao padrão que esta sociedade estabelece como normal. Dispensar um nome fantasia para pertencer ao binarismo de gênero, nego ao machismo colado a minha genitália¹⁶ e também à submissão subalterna típica do gênero feminino.

¹⁴ O termo "heteroterrorismo" é utilizado por Berenice Bento (2008, p. 31), a qual afirma que com a patologização da transexualidade, incluindo-a no Código Internacional de Doenças/CID, em 1980, disseminou-se a ideia de que transexuais carecem de cirurgias de transgenitalização para exercer a dita sexualidade "normal", que seria a heterossexualidade.

¹⁵ Menção ao livro: Relatar a si mesmo – crítica da violência ética, de Judith Butler (2015).

¹⁶ Particularmente, não me posiciono contrário ao processo de intervenção cirúrgica de readequação da genitália para transexuais e uso de nome social para travestis, porém mediante algumas leituras instigadoras, principalmente no diálogo com algumas conceituações de Michel Foucault, problematizo essas questões como inquietações ambíguas e auspiciosas. Por um lado, podemos visualizar estas ações como uma conquista do movimento social LGBT, entretanto, por outro ângulo, pode ser interpretada como uma estratégia *biopolítica* governamental de manter o controle dos corpos e subjetividades dessas/es personagens, convertendo-os nos padrões do que a sociedade heterossexista estabelece no binarismo de gênero: homens e mulheres com corpos cisgêneros e inteligíveis.



O meu corpo é o meu território primeiro: as roupas, os adornos são de responsabilidade de minha consciência individual e social, não me pauto pelo que a sociedade estabelece de performance e figurino para o meu sexo biológico. A mim foi concedido o direito à existência e de protagonizar a tragédia (maior parte das cenas) neste palco da vida, portanto chega de seguir religiosamente os *scripts* previamente prontos e elaborados antes de eu nascer.

Descobri que o palco é meu e posso fazer o meu *show*, reinventando a mim mesmo, escrevendo e narrando minha própria novela! Eu defino as maquiagens e as indumentárias para cada persona a ser representada nas diversas tramas da vida e volto a repetir: não me reduza à minha genitália!

Declaradamente, eu assumo: sou diferente, sou estranho. Eu sou *queer*, eu sou um ser não heteronormatizado, eu sou negro, sou índio, sou proletário da periferia, sou filho de retirantes da seca nordestina, sou filho do Norte, eu não sou homem, não busco ser mulher, mas reivindico a feminilidade na expressão de meu ser... Este conjunto de complexidades e hibridizações pode tentar me definir porque acredito que o gênero sem interseccionalidade é uma categoria vazia de significação.

Por fim, aproprio-me destas palavras para terminar este memorial: “venho até vocês hoje arriscando uma ‘condenação penosa’, como uma pessoa que somente tem paradoxos a oferecer e não problemas fáceis de serem resolvidos” (OLYMPE DE GOUGES, 1791 *apud* JOAN SCOTT, 1999)¹⁷.

Declaradamente, eu assumo: sou diferente, sou estranho. Eu sou *queer*, eu sou um ser não heteronormatizado, eu sou negro, sou índio, sou proletário da periferia, sou filho de retirantes da seca nordestina, sou filho do Norte, eu não sou homem, não busco ser mulher, mas reivindico a feminilidade na expressão de meu ser... Este conjunto de complexidades e hibridizações pode tentar me definir porque acredito que o gênero sem interseccionalidade é uma categoria vazia de significação.

Referências

ALVES, R. *O gato que gostava de cenoura*. São Paulo: Loyola, 1999.

BANDEIRA, P. *É proibido miar*. 4ª ed. São Paulo: Moderna, 2009.

BANDEIRA, M. *Bandeira a Vida Inteira*. Editora Alumbramento, Rio de Janeiro, 1986.

BENTO, B. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

¹⁷ Olympe de Gouges, pseudônimo de Marie Gouze (7/05/1748 -3/11/1793) escreveu a Declaração dos direitos das mulheres e da cidadã (1791). Condenada à morte na guilhotina (1793): “Olympe de Gouges, nasceu com uma imaginação exaltada, confundindo seu delírio como uma inspiração da natureza. Ela queria ser um homem de Estado. Ela aderiu aos projetos do povo pérfido que queria dividir a França. Parece que a lei puniu esta conspiradora por ter esquecido as virtudes próprias do seu sexo”.



- _____. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2006.
- BUTLER, J. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- _____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- _____. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- CARRASCO, W. *Meus dois pais*. Ilustrações Laurent Cardon. São Paulo: Ática, 2010.
- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988*. Disponível em http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_04.02.2010/CON1988.pdf. Acesso em 08 de agosto de 2014.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação*. São Paulo: Moraes, 1980.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- _____. *Representation cultural representations and signifying practices*, London. Sage/The open University, 1977
- _____; WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. HALL (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- LEITE, M. *Olívia tem dois papais*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.
- ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. Nova Fronteira, São Paulo, 2005.
- SCOTT, Joan. Igualdade versus diferença: os usos da teoria pós-estruturalista. In. DIETZ, M. *Feminismo e cidadania*. São Paulo: Melhoramentos, 1999.

